BDSM e Internet

Alexandre P. Ramos[1]

"This world... it disappoints you?"
"Pretty much", he replied.
"You're note the first to tire of its trivialities",
came the response. "There have been others".

Clive Barker, *The Hellbound Heart*.

Considerações iniciais

Este texto é uma versão modificada de um artigo apresentado como trabalho de fim de curso para uma disciplina sobre Mídia e Sociedade realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dada a natureza da mesma, as análises aqui empreendidas não se concentram na "cultura BDSM" e em suas várias ramificações e especificidades, mas tomam-na como um todo, articulando-a com sua aproximação com a internet, fornecendo, assim, um panorama mais geral sobre a forma como esta nova forma de comunicação é utilizada e, poder-se-ia dizer, recepcionada pelos BDSMistas. Para tanto, baseei-me nas respostas de algumas pessoas, mais ou menos ligadas ao BDSM – dentro de suas práticas específicas – que gentilmente responderam um pequeno questionário submetido por e-mail (ou seja, com a ajuda da própria internet sobre a qual também procurei analisar, o que pode indicar a crescente presença e importância desta para determinados grupos sociais que se utilizam dela em seu dia a dia) e na literatura a qual tive acesso e forneceu o instrumental para minha pesquisa. Além de sua natureza acadêmica, o presente texto, acredito, possui antes de mais nada um caráter *exploratório*, sendo, então, passível de críticas e revisões – a existência eventual de alguns termos ou expressões (poderíamos chamar de "jargões científicos") diretamente ligadas à bibliografia utilizada foi inevitável e precisaram ser mantidas.

Grande parte das modificações foi pontual, por isto mencionarei somente aquelas maiores: 1) estas considerações inicias foram incluídas visando explicitar alguns pontos, inclusive as próprias mudanças; 2) os anexos originais (lista dos entrevistados, explicações breves sobre o BDSM e comentários sobre a comunidade do Orkut "BDSM – Início Difícil") foram trocados por outro que não entrou na versão final e transformou-se em uma pequena "digressão"; e 3) a retirada de uma passagem acerca da relação e função dos perfis BDSM e baunilha (sub-seção 3.1) diante da necessidade de uma análise mais rigorosa. Afora isto, o texto encontra-se da maneira como foi submetido à avaliação. Um último comentário a ser feito diz respeito à última sub-seção (3.3): as ideias ali apresentadas não sofreram um maior desenvolvimento em vista do espaço ao

[1] Doutorando em Sociologia. apramos1337@gmail.com

qual precisava limitar-me, porém resolvi mantê-las por se tratar, creio eu, de uma discussão que, embora pontual e levada de modo ainda um tanto preliminar, é de importância crucial para que se atinja o ideal de uma sociedade realmente democrática (como é enunciado na conclusão).

Para concluir, quero deixar registrado os meus agradecimentos para as pessoas que me ajudaram nesta pesquisa através das respostas dos questionários; e a todas elas dedico este singelo trabalho.

1. Introdução

"A internet é o tecido de nossas vidas" – é assim que Manuel Castells abre seu livro *A Galáxia da Internet*, ditando o tom das discussões e análises que se ocupam da internet. Sua importância para a sociedade contemporânea é tão grande, como bem demonstra Castells, que há inclusive autores (LEVY, 2002; DELARBRE, 2009) que buscam apontá-la como um novo espaço público ou mesmo fazendo parte da esfera pública. O presente trabalho não se ocupa com este aspecto em particular – embora seja possível remeter-se a ele –, mas sim em responder se a internet (da forma como é utilizada e apropriada) é capaz de influenciar de maneira decisiva a vida social. Selecionamos, assim, um grupo social específico (pessoas ligadas ao universo BDSM[2]) a fim de investigar tal questão, verificando qual papel a internet desempenha para os BDSMistas[3] bem como as maneiras como ela é apropriada de modo a influenciar, menos ou mais, a vida destes atores sociais no que diz respeito a suas práticas e as interações sociais entre eles. Não se trata de uma análise da cultura BDSM na internet – algo que demandaria um esforço de grande magnitude em vista de quão complexa ela é, encerrando diversos pormenores de crucial relevância para sua compreensão –, mas sim uma tentativa de estudar um pequeno aspecto dela em paralelo com a maneira como se relaciona com o ambiente online.

2. Algumas considerações sobre a pesquisa.

Diante da complexidade que se apresenta ao pesquisador cujo intento é estudar algum aspecto da internet, visto que a quantidade de conteúdo e o movimento a ela inerente (isto é, o fluxo constante de informações) podem dificultar a coleta de dados, sobretudo em sua "forma" de Web 2.0 – que "é a segunda geração de serviços *online* e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo" (PRIMO, 2008: 101) –, é preciso

---

[2] BDSM é um acrônimo que significa, em síntese, *Bondage, Dominação, Sadismo, Masoquismo*, ou seja, engloba uma variedade de práticas erótico-sexuais. Remetemos ao Anexo II para maiores informações.
[3] Tomei esta expressão das respostas de alguns entrevistados.

delimitar de maneira muito precisa aquilo a ser trabalhado, onde a perda de abrangência do objeto analisado precisa ser tolerada a fim de se obter resultados rigorosos e satisfatórios, caso contrário, correríamos o risco de abrirmos demasiadas lacunas capazes de inviabilizar a pesquisa ou então deformá-la ao ponto de deixá-la imprecisa. Visando, então, alcançarmos bom termo, optamos por estabelecer limites bem claros para o presente estudo naquilo que tange as informações recolhidas.

Nosso ponto de partida foi a escolha da rede de relacionamento Orkut, bastante popular no Brasil, como meio de contato com o mundo BDSM. Infelizmente não é possível ter uma ideia de quantas comunidades existem relacionadas direta ou indiretamente ao tema, pois a utilização da ferramenta de busca do próprio site, que mais ou menos oferece um panorama geral dos registros, mostrou-se de pouca utilidade, pois não havia respostas para a expressão "BDSM" – as comunidades foram sendo encontradas utilizando-se "parte" do acrônimo, como "dominação" (D) ou "submissão" (S); a partir daí elas foram surgindo, geralmente relacionadas, onde uma remetia-se a outras. O número de membros é variável nestas comunidades – existem algumas com mais de 2000 membros e outras com pouco mais de 100. Dentre as comunidades observadas, foi escolhida uma na qual centraríamos nossa atenção: BDSM – Início Difícil.

O segundo passo foi entrar em contato com o dono (Ujio Shinmen) e a moderadora (Maria) desta comunidade que concordaram em participar da pesquisa e contribuíram para que outras pessoas envolvidas com o BDSM também o fizessem – além disto, eles permitiram que fosse colocado um tópico na comunidade relativo a esta pesquisa. A participação deles deu-se através das respostas a um questionário com perguntas relacionadas ao uso da internet, bem como suas percepções acerca dela. A despeito das várias tentativas de contato, apenas 13 concordaram em participar e responderam as perguntas, enviadas por e-mail. As respostas dos entrevistados serviram como a principal fonte de dados para nossas análises, mas não foram as únicas, pois, através de referências encontradas na própria comunidade, fomos levados até sites e blogs relacionados ao BDSM – destes, deve-se destacar o *Site do Carcereiro*[4], que se constitui em uma referência para a prática do BDSM, possuindo vários artigos (em português e em inglês) e, inclusive, uma pesquisa acerca do perfil dos BDSMistas no Brasil a qual fornece dados quantitativos interessantes; e o site *Mestre Jot@SM*[5]. A elaboração deste estudo deu-se após o recolhimento e o tratamento de todo este material.

3. BDSM e internet

De acordo com Manuel Castells, "o papel mais importante da Internet na estruturação de relações sociais é sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no

[4] http://carcereiro.110mb.com/pesquisa/consolida.htm. Acesso: 06/01/2010
[5] http://www.mestrejotasm.com.br/indexa.htm. Acesso: 06/01/2010

individualismo", contudo "não é a Internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas sim seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade" (CASTELLS, 2003: 109). A temática do individualismo colocada pelo autor pode ser entendida, neste caso, tanto em vista da maneira como o indivíduo se comporta e age, situando-se como ponto de referência e núcleo das relações sociais as quais constrói e faz parte – representando a si mesmo quando conectado e agindo, até certo ponto, livremente sem imposições ou constrangimentos externos – como igualmente em relação a "liberation of the individual from the rusty chais of guild, birth right and church" (SIMMEL, 1964: 78), isto é, sua maior "liberdade" em relação às forças tradicionais que de algum modo diminuíam os espaços de experiência dos indivíduos e, consequentemente, limitavam-lhe seus horizontes de expectativa. Neste sentido, os indivíduos sofrem com um processo de desencaixe de forças sociais ancoradas na tradição e tornam-se responsáveis por suas próprias biografias, o que faz com que organizem e façam as escolhas para suas vidas com base em julgamentos próprios (BECK, 2001: 23), ou seja, por meio da cognoscitividade e reflexividade dos atores sociais. "Libertos" da tradição, os indivíduos tomam para si a tarefa de elaborarem suas próprias autoidentidades, iniciando um processo o qual encerra mudanças, descartes e novas aquisições para a formação tanto do *self* quanto das redes de sociabilidade com as quais o indivíduo irá se relacionar.

Diante da própria natureza da internet – a maneira como as pessoas relacionam-se com ela através dos computadores, onde os indivíduos são únicos, "eles mesmos", e representam apenas a si próprios[6] – estas características do individualismo não só encontram aí terreno fértil como são reforçadas. Conectado, o indivíduo é capaz de, através da ampla possibilidade de conhecimento disponibilizado (bem como opções que devem ser escolhidas), construir sua identidade e seus "estilos de vida", que são conjuntos "mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade" (GIDDENS, 2002: 79). Eles se constituem na reunião das escolhas feitas pelos indivíduos as quais sustentam suas narrativas biográficas e dão-lhes prosseguimento. Os modos de se vestir, agir ou comportar-se, por exemplo, tanto em

[6] Basta pensar na existência de logins e senhas para acessos a determinados espaços individuais – como e-mails, geralmente privados –, pois a menos que tais espaços sejam compartilhados de algum modo, somente aquele indivíduo é capaz de acessá-los, e assim será apenas ele a participar de tudo aquilo a que se encontra ligado (blogs, fóruns, redes de relacionamento, etc). Salvas as devidas proporções, basta pensarmos no que o telefone celular proporciona em relação ao telefone fixo, "familiar": o telefone fixo, utilizado por toda a família, fazia com que, de algum modo, seus integrantes tomassem conhecimento das redes sociais com as quais os outros interagiam, bem como o inverso, ou seja, os indivíduos destas travavam contato com os membros da família; com os celulares esta interação entre a "família" e as outras pessoas (de fora da casa) cessa, pois a comunicação é efetivada diretamente com aquele com quem se quer falar, de modo isolado, sem intermediários. Ao utilizar o celular, o indivíduo não só é ele mesmo como representa sempre a si mesmo, não fazendo necessariamente parte de um conjunto maior (membro da família, como seria o caso de alguém a atender um telefone fixo em sua residência).

ambientes públicos como privados, viram, mais cedo ou mais tarde, uma questão de escolha, e a rotinização destas práticas compõe o estilo de vida.

No centro de todos estes processos encontra-se, como não poderia deixar de ser, o indivíduo, agente cognoscitivo, encarregado daquilo que John B. Thompson (1998) denomina de *organização reflexiva do self*, ideia que partilha de algumas semelhanças com o *projeto reflexivo do eu* mencionado por Anthony Giddens (1993; 2002) – ambas, em linhas muito gerais, apontam para o processo de construção, pelo indivíduo, do eu/self através da recorrência das práticas sociais em contextos de co-presença e da manipulação de materiais simbólicos. Aqui optamos pela abordagem de Thompson em vista da ênfase dada por este autor ao papel exercido pelos meios de comunicação (mídia): para ele, o "self é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente" (THOMPSON, op. cit.: 183) estando ligado à possibilidade de acesso a novos tipos de conhecimento para além do ambiente local, com os quais se toma contato de forma mediada. Uma variedade de materiais simbólicos são veiculados e incorporados reflexivamente – algo muito distinto da "teoria da bala mágica" (BALL-ROKEACH; DEFLEUR, 1993) que transforma as pessoas em indivíduos passivos sem capacidade de discernimento – de modo a permitir aos atores sociais explorar outras alternativas para sua vida e experiências, fazendo, também, com que se tornem críticas em relação a seu próprio comportamento e ações; como afirma Celia Aldana (2004): "the media influence the construction o four own identities". A internet, muito além de um mero meio de comunicação em vista de suas capacidades e especificidade – sendo o individualismo sua característica principal – encerra uma gama de possibilidades distintas as quais fornecem a seus usuários um instrumental variado para suas ações e práticas, incluindo-se aí formas de se organizarem socialmente.

Confrontaremos, agora, estas considerações com as entrevistas feitas com pessoas ligadas ao universo BDSM onde buscamos mesurar a relevância da internet em três aspectos: 1) individual – a influência da internet sobre suas práticas; 2) social – o papel da internet na criação de novas redes de sociabilidade; e que denominaremos 3) "político-social" – a possibilidade da internet em modificar a percepção que outras pessoas possuem daquelas ligadas ao BDSM.

3.1. O BDSMista e a internet

O primeiro ponto a ser levado em consideração – em consonância com a maneira como a pesquisa foi feita – acerca do uso da internet pelas pessoas ligadas ao universo BDSM é através do próprio espaço que se ocupa online: para o nosso caso, o perfil mantido na rede de relacionamentos Orkut o qual se acha vinculado às comunidades BDSM, em especial a "BDSM - Início Difícil" – este perfil, *individual*, aponta para as considerações feitas mais acima acerca da

relação entre internet e individualismo. Dos 13 entrevistados, 12 revelaram que mantêm nesta mesma rede de relacionamentos outros perfis *não* ligados ao BDSM, referindo-se a eles como "perfil baunilha" ou "orkut baunilha"[7], ou então mencionando o fato de que são utilizados para contatos familiares ou profissionais. O único contrário (gorrión da Maga) declarou não mais possuir seu perfil "não ligado ao BDSM", embora mantenha um fora o Orkut. Verifica-se, assim, a existência do uso de, no mínimo, dois perfis distintos, cada qual voltado para determinado aspecto da vida social dos entrevistados, havendo unanimidade na divisão entre o BDSM de um lado, e a dimensão familiar/profissional do outro – sendo que no perfil BDSM é comum o uso de apelidos (nicks) e de imagens que não são fotos do próprio. O *perfil BDSM* tem como função resguardar uma dimensão da vida íntima da pessoa, mas ele busca igualmente a salvaguarda da vida pública do BDSMista como da vida pública e privada das outras pessoas ao seu redor (familiares, por exemplo). Isto torna-se necessário a fim de se evitar quaisquer tipos de ataques – pela internet ou não – de cunho preconceituoso e que venha a prejudicar-lhes[8]. Acreditamos que a existência do *perfil BDSM* encontre justificativa nesta situação, todavia não se limita a ela: por um lado ele detém um aspecto "negativo" no sentido de ocultar ou esconder, ou até mesmo negar, o fato de que a pessoa "real" está envolvida com as práticas BDSM, afinal quem está representado neste perfil é "outra" pessoa, com nomes e imagens distintas daquela "real" (poderíamos falar em um aspecto *defensivo*); mas por outro, ele é afirmativo no sentido de expressar justamente esta vinculação, sublinhando sua importância para a vida individual – o BDSM é parte constitutiva do *estilo de vida* – no sentido tratado anteriormente – destas pessoas.

Uma segunda consideração recupera pontos da primeira, ligando-os à "natureza" da própria internet: sendo o individualismo por ela "estimulado" e aí encontrando suporte para sua manifestação e consequências para a vida das pessoas, a internet faz com que o indivíduo passe por um processo de desdobramento. Ele, como unidade formada por uma série de processos externos e internos (self), sendo capaz de manter tal unidade de modo a criar uma narrativa biográfica estável a despeito de possíveis escolhas contraditórias, pode desdobrar-se em várias unidades menores que se associarão aos vários espaços com os quais mantém contato, agindo conforme as características e interesses partilhados em dado ambiente. A internet é capaz de multiplicar as opções de desdobramento – onde cada parte não deixa de ser constitutiva do indivíduo como um todo. Os diferentes perfis mantidos pelas pessoas ligadas ao BDSM são uma amostra desta capacidade do indivíduo em conviver de modo relativamente harmônico com ambientes distintos – cada qual com suas especificidades.

---

[7] Lembrando que o termo "baunilha" é utilizado na designação de práticas sexuais "convencionais", compondo o par antitético BDSM/baunilha.

[8] Reproduzo aqui um comentário feito por uma das entrevistadas (Helena): "Ainda somos vistos como pervertidos pela maior parte da sociedade".

E se fosse indagado: o uso destes dois perfis não acabaria caso não houvesse mais nada que se interpusesse entre a prática BDSM e sua completa legitimação e aceitação perante toda a sociedade? Talvez a resposta fosse sim, mas esta questão (que segue um padrão "e se...?") não é importante. Ao fim e ao cabo, o *perfil BDSM* ou o *perfil baunilha*, para além de seu uso pragmático e instrumental, não é mais falso ou verdadeiro que o outro, e ambos remetem a uma única unidade plural. E aqui reside um traço que caracteriza o uso da internet pelos BDSMistas: a possibilidade da sua vinculação a espaços de sociabilidade, *online* e *offline*, distintos.

Ainda buscando mesurar a influência da internet nos aspectos individuais da vida das pessoas, perguntamos se ela teve algum papel na aproximação com as práticas BDSM, ao que oferecemos três situações: tais práticas começaram *antes* de frequentar espaços online; *em paralelo*, ou seja, foi até a internet para buscar informações sobre aquilo que já fazia/sentia; ou *depois*, isto é, só tiveram início após conhecê-las pela internet. Aqui as respostas foram mais variadas e houve uma equivalência entre duas das opções: 5 (Maria, Ujio, Janus SW, vil_h e Lord Hell) responderam que seu envolvimento deu-se *antes* e 5 (Carcereiro, Castelã SM, Kallyandra, gorrión da Maga e εïз) *em paralelo*; apenas um (Lord Victor) respondeu que foi *depois*. Os outros dois restantes precisam de alguns comentários: Helena declarou que conheceu o BDSM "em meados dos anos 90, através da internet, como colaboradora numa pesquisa realizada por amigos", e então se tornou praticante – em última análise, começou *depois*, e a particularidade deste contato deve ser sublinhada porque aponta para a capacidade da internet em apresentar materiais simbólicos, até então "desconhecidos" ou afastados do contexto social no qual o indivíduo vive, que são reflexivamente incorporados à organização do self: "os indivíduos são continuamente confrontados com novas possibilidades, seus horizontes estão continuamente se alargando, seus pontos simbólicos de referência estão continuamente mudando" (THOMPSON, op. cit.: 185). A outra entrevistada (vaca profana), disse que "anteriormente eu praticava SM dentro das minhas relações sexuais mas nem imaginava que minhas fantasias estavam dentro do universo sadomasoquista" – em termos classificatórios, pode-se considerar como um envolvimento *anterior*, embora "desconhecido", e a ligação *efetiva* entre esta prática e o próprio universo BDSM se dá apenas com a internet. Dentro do grupo cujas respostas demonstram um envolvimento *em paralelo* também se faz necessário um comentário em relação ao que foi dito por Kallyandra: esta declarou que conheceu o BDSM através de uma amiga – que não se utilizou da internet – e que, a partir daí, começou a pesquisar mais sobre o assunto.

A internet acabou por desempenhar algum papel no envolvimento das pessoas com o BDSM em mais da metade dos entrevistados (oito, somando-se os "em paralelo", "depois" e os casos mencionados acima), mas como se vê, é uma diferença muito pequena. Como não

possuíamos informações detalhadas acerca da forma como os outros 5 tomaram contato com este universo, só podemos conjecturar que se deram por meio de redes sociais não-virtuais[9]. No caso daqueles 8 entrevistados, a internet mostrou-se como um espaço tanto de "pesquisa" como de conhecimento. Sobre aqueles que iniciaram sua prática "em paralelo", pode-se dizer, primeiro, que tiveram uma *atitude de navegação* semelhante a que Pierre Levy (2000) denomina de *caçada*: "procuramos uma informação precisa, que desejamos o mais rápido possível" (p. 85). Além disto, a privacidade e o anonimato que o uso da internet permite, combinados ao fato desta permitir o contato *direto* do usuário com aquilo que pesquisa (não há intermediários entre as informações), tornam a internet uma ferramenta especial para a o conhecimento e desenvolvimento de práticas as quais passam a estar ligadas à organização reflexiva do self. De certo modo, tudo aquilo que está envolvido no BDSM não só faz parte de uma dimensão muito íntima da vida privada individual (sendo extremamente importante para estas pessoas) como pode ser alvo de violência simbólica, sendo assim, a internet oferece um espaço relativamente seguro e livre para a atuação das pessoas, como é indicado pelas respostas dos praticantes de BDSM. Depreende-se daí que, embora não possamos afirmar em que consistam, de fato, as "redes sociais não-virtuais" dentro das quais aqueles 5 entrevistados encontravam-se, o BDSMista possui uma relação, senão privilegiada, de alguma relevância com a internet no sentido desta influenciá-lo, no mínimo no início de seu envolvimento com o universo BDSM e, consequentemente, com a construção de seu próprio self (pode-se dizer que há uma equivalência na importância do conhecimento social "offline" e "online" para estas pessoas).

A internet parece ter um aumento de sua influência (na vida individual) ao longo do desenvolvimento da prática BDSM – isto é, em um estágio posterior á identificação do indivíduo com este universo. Influência esta que se traduz de duas maneiras: na ampliação das experiências e na disponibilização de informação. Vejamos: 8 pessoas (Carcereiro, Castelã SM, Janus SW, Lord Victor, Lord Hell, εïз, gorrión da Maga, Kallyandra) responderam que a internet influenciou, de alguma forma, suas práticas[10], enquanto outras 4 (Maria, Helena, vaca profana, Castelã SM) ressaltaram sua atuação pela internet a fim de fornecerem informações (incluindo aí 2 daquelas 8). Apenas dois disseram que suas práticas não sofreram influência daquilo presente online – sendo que ambos pertencentes ao grupo que se envolveu com o BDSM antes de utilizar a internet. Reproduzo aqui seus comentários: Ujio: "às vezes eu até vejo alguma imagem de práticas que me despertam atenção e curiosidade em realizá-las... mas não diria que é algo onde eu não chegaria sem ter visto na internet"; e vil_h, "Já vim para a rede mais velho, mais maduro. Não encontrei

[9] Como alguns mencionaram, sua prática começou antes mesmo da disseminação e expansão da internet.
[10] Os exemplos de influência são variados. A internet é usada para aprendizagem e tirar dúvidas (Lord Victor); esclarecimentos sobre questões de segurança (vaca profana); e criação de novas ideias (Carcereiro).

nada que já não conhecesse". Para estes, a internet não teve praticamente nenhuma influência na dimensão BDSM de sua vida individual. Voltemos aos outros casos.

Para aquelas 8 pessoas – onde estão presentes, inclusive, aquelas que declararam um conhecimento/prática anterior do BDSM – a internet teve influência considerável. Acerca desta questão, reproduzimos aqui parte da resposta de Janus SW: "Ah sim, com certeza! Eu sou uma pessoa curiosa e interessada em ver o que os outros fazem e adaptar ou fazer o mesmo (...)"; e de gorrión da Maga: "Muito da minha premissa inicial foi alterada em função de um aprofundamento do que conhecia e das novas informações obtidas". Estes são dois exemplos das respostas que afirmaram a conexão entre internet e ampliação de experiências e/ou conhecimentos, o que vem a corroborar não só a característica da internet como provedora dos mais variados tipos de materiais como aponta para o caráter reflexivo dos atores sociais (neste caso, os BDSMistas), pois valem-se daquilo disponibilizado a fim de ser incorporado em suas próprias práticas – mas uma incorporação que, por vezes, sofre algum tipo de adaptação a se enquadrar àquilo que cada um pretende. Ela fornece "esquemas"[11] cuja apropriação passa a informar as ações individuais; a observação dos outros por parte dos indivíduos permite a (re)atualização das práticas. Nas palavras de Kallyandra: "É como ver uma receita de bolo, só que na hora de fazer, você acaba complementando com o seu toque pessoal (...)".

Os 4 entrevistados que sublinharam algum tipo de "atuação" no sentido de *proverem* informações fecham um circuito no qual as pessoas acima mencionadas encontram-se inscritas, pois aqueles não deixam de ser os produtores de materiais a serem eventualmente incorporados. Há, aqui, uma ligação entre experiência/informação e sua difusão. Diz-nos a Castelã SM: "(...) utilizo a Internet tanto para pesquisar como para passar ou mesmo aprender experiências ou discorrer sobre um tema"; e Maria: "Meu blog e minhas participações em listas e comunidades está diretamente ligada às experiências que vou vivendo, tanto para partilhar com outros praticantes como para ajudar a esclarecer e orientar quem chega sem muita informação". (Uma pesquisa centrada neste aspecto poderia mostrar qual o grau de circularidade das informações relativas ao BDSM na internet no sentido de revelar, por exemplo, como uma experiência é descrita online, produzindo informação que será discutida e incorporada, gerando novas experiências). As possibilidades da internet são captadas por estas pessoas de maneira a transformá-la em algo capaz de influenciar as práticas individuais dos BDSMistas e em um espaço onde tal capacidade é assegurada e expandida pelas próprias pessoas ligadas ao universo BDSM. O círculo se fecha.

[11] Utilizo, aqui, o termo "esquema" como sugerido por William H. Sewell Jr. (1992) em sua crítica à teoria da estruturação de Anthony Giddens.

Estas reflexões indicam, assim, que a internet possui uma influência sobre os praticantes BDSM em um nível individual. Sua relevância, no que diz respeito ao início das práticas, não é tão forte, pois se observa que redes sociais "offline" – poderíamos dizer "presenciais" – são igualmente importantes no início do processo de passagem do mundo baunilha para o BDSM (mas mesmo assim, a presença da internet neste momento inicial já é indicativa do papel que desempenha). Esta situação muda quando verificamos sua influência no *desenvolvimento* das práticas, ou seja, ao longo da vida do BDSMista, pois a internet torna-se um espaço de referência para a prática individual, de ampliação em potencial das experiências. Em última análise, a internet possui um papel de importância visível na organização reflexiva do self levada a cabo pelas pessoas ligadas ao universo BDSM.

3.2. O BDSM e a Internet

O aspecto social do uso da internet pelos BDSMistas traduz-se, de acordo com os nossos objetivos, na criação de novas redes de sociabilidade as quais estas pessoas passaram a integrar. A primeira maneira de mesurar tal aspecto deu-se através de uma pergunta a qual visava verificar se os contatos mantidos online eram um reflexo daqueles "offline", ou seja, se na internet estavam presentes as mesmas redes sociais de relacionamento presencial. As respostas apresentaram alguma variabilidade.

Seis entrevistados (Ujio, Castelã SM, Kallyandra, εïз, gorrión da Maga e Janus SW) responderam que as pessoas com as quais mantêm contato online *não* são as mesmas com as quais têm contato *offline*, presencial, enquanto 3 (Maria, Lord Victor, Lord Hell) disseram que *sim*[12]. O restante forneceu respostas variadas, como mantendo *nenhum* (vil_h) ou *pouco* contato online (Helena), ou seja, um uso reduzido da internet para este fim, ou então em vista do "papel" que exerce no interior do universo BDSM, como organização de eventos (vaca profana) – diz ela: "Tenho no meu MSN em torno de 400 contatos, mais uma lista de emails em torno de 1000 pessoas, dos quais conheço boa parte (acho que arriscaria uns 70%), mas muitas somente encontrei uma vez ou duas (...)".O que se observa destes números é uma flutuação acerca do uso da internet para a criação ou manutenção de novas redes de sociabilidade, ainda que a maioria indique tal uso, demonstrando não haver uma correlação direta entre as redes nas quais o BDSMista está integrado, propiciando, assim, uma expansão de contatos para além dos contextos presenciais[13]. Mas a existência de respostas que apontam um reflexo mais ou menos completo

---

[12] Algumas respostas não dizem respeito à equivalência entre os contatos: por exemplo, se a maioria (e não todos) é tanto online quanto offline, então a resposta indicou um *sim*, isto é, são as mesmas pessoas.

[13] Deve-se mencionar a possibilidade de razões "práticas" para tal. Como um exemplo, reproduzo a fala de Ujio: "como não estou em um 'grande centro BDSM', a tendência é não haver muitos praticantes por perto, isto dificulta o diálogo "face to face" com praticantes...".

(online refletindo offline), e mesmo o pouco (ou nenhuma) uso da internet como meio de comunicação e de criação e ampliação de vínculos sociais podem indicar, por um lado, seu caráter secundário para tais fins, e por outro, a simples falta de necessidade por parte destes BDSMistas em inserirem-se em redes de sociabilidade online. Contudo, o peso da internet aumenta consideravelmente ao permitir a participação destas pessoas em espaços presenciais – ou apresentá-los a elas.

Foi 9 o número de pessoas que responderam ter conhecido ou passado a frequentar locais de convívio presencial com outros praticantes de BDSM[14]; 3 (Kallyandra, Ujio e εïз) disseram que não – sendo que uma (Kallyandra), disse não ter sentido necessidade – enquanto outro (gorrión da Maga) respondeu ter conhecido, mas o que frequenta atualmente já era conhecido anteriormente, ou seja, não foi por meio da internet. O número elevado de BDSMistas cujo contato presencial com outros foi propiciado pela internet demonstra a importância desta na articulação dos espaços (virtual e não-virtual, por assim dizer) e na abertura de novos ambientes de convívio, o que vai ao encontro da observação feita por Barry Wellman (2004) acerca do uso em geral da internet: "only a small percentage engage in online-only activities, such as virtual communities (...)" (p. 27). Duas pessoas (Helena e vaca profana) ressaltaram, ainda, o fato de terem tomado parte na organização de encontros presenciais, o que mostra a dinâmica possibilitada pela internet naquilo que diz respeito às interações sociais, pois ao mesmo tempo em que permite a expansão das redes de sociabilidade, cria espaços físicos onde seus integrantes podem interagir. Uma análise com base nestes dois conjuntos de resposta parece apontar para um aspecto interessante da sociabilidade dos BDSMistas: a interação face a face, presencial, cumpre um papel essencial[15], sendo um desenvolvimento ulterior da interação não-presencial, online.

O último ponto a ser abordado reflete a importância da internet no universo BDSM na medida em que cria um sentimento de "integração" ou "identificação" entre seus membros. Houve, aqui, uma *quase* unanimidade na afirmação deste papel exercido pela internet: todos responderam de modo positivo, mas alguns fizeram ponderações sobre as quais falaremos em breve. Concentrando, agora, nossa atenção sobre a importância da internet nesta questão, parece válido mostrar como em algumas respostas verifica-se o uso de expressões que enfatizam o papel daquela: "Sim, *obviamente* que contribui"; "É *óbvio* que contribui!"; "*Totalmente*" [grifos nossos]. Para além deste caráter enfático das afirmativas, fica patente a contribuição da internet na criação de um sentimento de pertencimento e da identificação com outras pessoas com as

[14] Deve-se mencionar um lugar em especial, o Clube Dominna, localizado na cidade de São Paulo, único clube BDSM do Brasil. Em uma troca de e-mails com Maria, esta disse-me que o Dominna se beneficiou bastante com a internet.
[15] Uma hipótese a ser testada aqui a fim de justificar tal aspecto pode ter como base a idade dos entrevistados, comparando-as não só com a de pessoas com menor idade como constitutivas de outros "grupos sociais".

quais são partilhadas ideias bem como desejos, sem sofrerem reprovações. A descoberta do "não estar sozinho" influi na aproximação com os "pares". É digno de nota o fato de que esta sensação de pertença encontra-se, por vezes, diretamente ligada ao próprio bem-estar individual, seja no sentido da pessoa aceitar-se ou mesmo de realizar-se de modo satisfatório. Os seguintes comentários ilustram tal perspectiva: "para os que se sentem só e tinham uma auto imagem de aberração, percebe-se que não está sozinho" (Kallyandra); "Assim, quando encontrei pessoas como eu, possuidoras de uma libido bdsm, mas éticas, afetivas, acolhedoras, passei a me aceitar melhor, aceitar e entender outras pessoas do meio" (vil_h); "A comunidade dá, a quem deseja, a condição de não apenas assumir-se, mas encontrar-se, aceitar-se e conhecer-se" (vaca profana). À integração pode-se associar sentimentos de aceitação de si e até mesmo de alívio pelo (re)conhecimento daquilo que se desenvolve no interior do eu – de algum modo o processo de integração contribui para a segurança ontológica de pessoas ligadas ao universo BDSM. O indivíduo isolado, nestes casos, parece perdido e só se encontra (ou se descobre) quando encontra outros semelhantes[16]. Mas há outras situações, havendo tal integração em um sentido menos individual que social, ou seja, ela é sentida como algo capaz de viabilizar novas interações, seja propiciando vínculos de amizade ou para encontrar pessoas com as quais engajar-se nas práticas BDSM – para um dos entrevistados (Lord Victor), a internet contribui até mesmo para a formação de uma "confraria". Qualquer que seja, neste caso, seu "uso" ou "função", a internet acaba por fornecer uma ligação de importância crucial entre estas pessoas e àquilo com que se identificam, a prática BDSM.

Agora, a despeito deste reconhecimento, alguns entrevistados fizeram ponderações sobre a internet, concedendo-lhe certa ambivalência, pois ao mesmo tempo em que há esta integração ou identificação, ela é dotada de potencialidade desagregadora. Isto tem relação com o próprio universo BDSM que, como já foi mencionado, encerra uma série de práticas muito distintas umas das outras, e a internet acaba reforçando esta divisão interna; suas diferenças tornam-se mais visíveis, fazendo com que haja tanto "atritos" (Maria) como mesmo "lutas por hegemonia" entre os *mundos* do universo BDSM (havendo aquele que decidem se afastar de tais embates), sendo a internet seu principal "campo de batalhas" (Helena). Infelizmente não temos como entrar em detalhes sobre tais disputas de poder, algo mais restrito à dinâmica interna das discussões sobre práticas BDSM, contudo, a escolha da internet como "campo de batalhas", ainda mais se pensarmos como Georg Simmel (1983) que as discordâncias e atritos estão incorporados na

[16] Porém não significa que haja uma *necessidade* em reatualizar constantemente tal integração. Reproduzo aqui a resposta de uma das entrevistadas (εїз) sobre este tópico: "Inicialmente quando eu estava me 'descobrindo" sim. Deu uma certa sensação de pertencimento. Agora que já sei o que sou e que tive certos dissabores com pessoas do 'meio', preferi selecionar melhor com quem falo e convivo. Vivo meu BDSM em esferas fechadas, não freqüento o 'meio' (...)".

estrutura do próprio grupo, dele fazendo parte (p. 124-126), contribui para a reafirmação da relevância da internet para os BDSMistas, visto ser aí o espaço de realização daquelas. Talvez, e esta é uma questão a ser investigada em outro momento, a internet tenha feito algo que passou mais ou menos desapercebido: aproximou de tal maneira os diversos mundos BDSM – revelando, também, outros – que só então as diferenças foram percebidas; e em paralelo a isto, o constante fornecimento de informações e a incorporação reflexiva destas, gerando novas, contribui para um aprofundamento das distinções (como foi já aludido). As palavras da Castelã SM talvez apontem para uma análise nesta direção: "Como é uma convivência recente há que amadurecer estas diferenças para um convívio mais harmônico".

Estas reflexões apontam para a importância da internet para os BDSMistas a um nível social, isto é, referente a sua utilização no que diz respeito a criação de meios para que ele se insiram em novas redes de sociabilidade, sobretudo aquelas centradas em interações presenciais. Embora a comunicação online esteja presente, não sendo ela sempre reflexo das redes "offline", a importância daquela pode ser considerada secundária principalmente se compararmos com a capacidade da internet em apresentar espaços de convívio presencial que passam a ser freqüentados pelos BDSMistas. Talvez este papel decisivo da internet para as pessoas ligadas ao universo BDSM possa ser verificado, com mais clareza, ao promover uma integração/identificação entre elas, a despeito do espaço que as separa, e aqui a internet está ligada não só ao aspecto social quanto individual, presente, assim, na interseção destas duas dimensões da vida.

3.3. O BDSM, a internet e a sociedade

Este último aspecto ocupa-se da visão dos BDSMistas sobre a internet no sentido desta ser capaz de alterar a percepção das pessoas de fora do BDSM acerca deles. Utilizamos o termo "político-social" a fim de designar este aspecto porque é uma discussão que envolve a aceitação das diferenças daqueles e o posterior reconhecimento da pluralidade humana, o que viabiliza o estabelecimento de relações livres e iguais entre os indivíduos, elementos caros a uma sociedade democrática. Para Anthony Giddens (2000)[17], a mídia possui uma dupla relação com a democracia, pois por um lado a "emergência de uma sociedade global da informação é uma poderosa força democratizante", enquanto por outro "a televisão e os outros meios de comunicação tendem a destruir o próprio espaço público que abrem, mediante uma incansável banalização e personalização das questões públicas" (p. 87-88). Com a internet não é muito diferente, mas no caso da relação dos BDSMIstas com ela, o que se verifica no momento atual é

[17] Nesta reflexão em particular o autor pensa, sobretudo, na televisão, mas suas análises podem ser aplicadas, também, ao caso da internet.

sua baixa capacidade em atuar na percepção das outras pessoas – vamos esmiuçar esta questão ao longo desta última sub-seção.

Para 5 entrevistados (Maria Castelã SM, Janus SW, Kallyandra e εïз), a internet, em vista do aumento de informações sobre BDSM, *em nada* mudou a visão que outras pessoas tinham dos BDSMistas; apenas 2 (Lord Victor e gorrión da Maga)) disseram que *sim*. Os outros ofereceram algumas ponderações, mas em última análise o que prevaleceu foi o reconhecimento da ineficiência da internet neste aspecto, algo corroborado pelos comentários feitos ao longo das respostas daqueles 5 primeiros, os quais veremos mais a frente. Passemos para as respostas.

Das duas pessoas que responderam *sim*, uma (Lord Victor) não fez qualquer tipo de ponderação, mencionando somente que a internet permitiu a "desmistificação" do BDSM, o que pode ser interpretado no sentido de mostrá-lo como algo "natural". A outra (gorrión da Maga) disse que a internet "mudou e muda constantemente" a visão de pessoas não ligadas ao BDSM, apontando para a existência de sites e blogs cujo conteúdo "ético e correto" contribui não só para a divulgação do BDSM como do que ele é. No entanto, sublinha ele a existência também de sites "sensacionalistas e sem conteúdo" os quais "abordam o assunto BDSM de forma errônea". A internet surge aqui como uma faca de dois gumes, apresentando tanto conteúdo considerado válido quanto capaz de distorções ou induções a erros. Diante de um espaço livre para a veiculação de conteúdos variados, defrontamo-nos com o fato de que, dependendo da natureza daquilo buscado, a "falta de mecanismos para autenticar, organizar e depurar com critérios de qualidade os crescentes e abundantes conteúdos que há na Rede" (DELARBRE, op. cit.: 78), a internet pode oferecer informações com as quais é preciso cautela e alguma reflexão.

Respostas ainda apontando para um problema parecido são de outros dois entrevistados, para os quais a internet levou à "banalização" (Carcereiro) ou a "popularização" (Helena)[18] no sentido de ser algo com maior visibilidade, para uma apreciação estética, de longe, sem ser posto na prática pelas pessoas. Em última análise, a exposição do BDSM na internet teria transformado-o em algo superficial, desprovido de qualquer tipo de conhecimento ou informação que pressupõe sua prática e compreensão.

---

[18] Reproduzo aqui parte da resposta de Helena: "Toda exposição leva a popularização, não é? Ainda mais se isso é uma tendência do momento histórico: a banalização da violência pela glamourização do fetiche. Agora é moda ter uma prática sexual alternativa! Já leu 'A Tirania do Prazer', do Guillebaud? Se não leu, sugiro que leia. Ao mesmo tempo que passou a existir um certo deslumbramento com a 'estética do fetiche', persiste o estranhamento com o praticante real. Explico: se um artista assume uma postura sexual alternativa – uau! Ele é BDSM, podólatra, bondagista, etc ... isso é legal! vende uma imagem – agora se o seu dentista assume publicamente que é um submisso sexual, por exemplo, continua causando uma grande estranheza (lembra o caso do Mosley?). Para quem está de fora, o BDSM como show é perfeito, lindo em sua estética e cheio de fantasias. Qual casal não gostaria de conhecer aquela suíte BDSM que o Fantástico apresentou no último domingo?"

Todas as outras respostas, incluindo aí os "*nãos* resolutos", transferem o problema da internet para a própria sociedade, o que não deixa de ser significativo, pois nos permitem algumas considerações importantes: como a internet não é algo à parte da nossa sociedade, nela estão presentes tanto os aspectos positivos da vida social quanto negativos; o seu desenvolvimento, (as transformações que acarreta, suas novas possibilidades, etc), por mais depressa que seja acompanhado pelas pessoas, estará sempre um passo a frente, isto é, haverá sempre um descompasso entre ambas a menos que a sociedade se engaje em um processo de mudanças capaz de aproveitar-se daquilo proporcionado pela internet – por exemplo, há diversos espaços online para discussões horizontais, onde as hierarquias e diferenciações presentes nas relações sociais "offline" não se fazem presente, mas se ninguém se interessa por eles ou se a pessoa está mais disposta e xingar os outros participantes ou a não aceitar argumentos contrários aos seus por mais racionais e embasados que sejam, então estes espaços perdem sentido e correm o risco de serem abandonados. Eles até podem influir em uma mudança de comportamento, mas não o farão sozinhos em vista, justamente, da ligação direta da internet com a sociedade. Se as pessoas não estiverem dispostas a superarem determinados comportamentos, então as potencialidades da internet encontram obstáculos para se realizarem. De certo modo, estes breves comentários perpassam a percepção dos BDSMistas acerca da ineficiência da internet em mudar a visão que outras pessoas têm deles. Vejamos as últimas respostas.

Dois entrevistados apresentaram argumentos semelhantes: a internet pode fazer alguma diferença nas "pessoas de mente mais aberta" (vaca profana) e para "as que não têm tabu" em relação ao BDSM fazer parte da sexualidade humana (vil_h). Para estes "tipos" de pessoas em especial, a exposição na internet leva a respostas positivas, de compreensão e aceitação destas práticas, reconhecendo-as como legítimas e não passíveis de condenação – a comunicação horizontal e sem intermediários da internet contribui para este processo de reconhecimento, o que não significa dizer que uma pessoa *baunilha* irá passar para o universo BDSM (o que pode acontecer), mas sim que este é visto como parte do caráter plural da humanidade. As respostas dos cinco que não observaram mudanças na forma como o BDSM é visto, vão, de alguma maneira, ao encontro daquilo que foi colocado no parágrafo anterior: a internet mostra-se incapaz porque a percepção das pessoas ainda é pautada por preconceitos, havendo, aí, uma disjunção entre um espaço que oferece informações e até mesmo um canal de diálogo aberto e livre, e indivíduos que se mostram intolerantes a não aceitam nada além de sua própria "visão de mundo" (*weltanschauung*). Deve-se mencionar que, embora em momento nenhum tenha sido solicitado diretamente a forma como os BDSMistas são julgados por outras pessoas, tais visões foram sendo trazidas à tona ao longo das respostas. Os seguintes termos/expressões, sejam relativos a maneira

como são vistos ou mesmo através da introjeção em suas próprias vidas de determinados discursos correntes, foram observados: "bizarros", "anormais", "gostos estranhos", "aberração", "coisa de gente desequilibrada psicológica, emocionalmente", "pervertidos", "violento e doentio", "sujo"[19]. Parte de tais expressões/termos acompanhou estas respostas, o que demonstra como a internet "sozinha" não é capaz de transformar comportamentos e visões presentes na sociedade – consequentemente, de auxiliar na aceitação de determinados grupos sociais cujas práticas ou ideias são legítimas. A resposta de Janus SW ilustra esta situação: "Se eu acreditasse em unicórnios, talvez eu pensaria que a disponibilidade de informação que existe (mesmo questionando a qualidade de parte dela) faria com que as pessoas tivessem outros olhos para com os praticantes, mas, sinceramente, não consegui verificar a ocorrência desse fato".

Como vimos nas outras respostas, a internet exerce considerável influência na vida das pessoas ligadas ao BDSM, seja na dimensão individual ou social de suas vidas. No entanto, quando se trata dela *para além* do universo BDSM – no presente caso, sobre seu papel na mudança de percepção das outras pessoas acerca destas práticas – ela perde forças e encontra obstáculos que tolhem suas potencialidades. A internet, para os BDSMistas, parece frágil contra a solidez do preconceito.

4. Conclusão

Este trabalho tratou da questão referente ao uso e à importância da internet para as pessoas ligadas ao universo BDSM, o que nos levou a concluir, através das análises das respostas fornecidas por escrito pelos entrevistados, que a internet possui, com graus variados de intensidade, uma considerável influência em aspetos da vida social destas pessoas, desempenhando papel central tanto no que tange o conhecimento e o desenvolvimento das práticas com as quais se identificam, como ao possibilitar a inserção do BDSMista em outras redes de sociabilidade e em espaços de convívio presencial. Aliás, ela cria também o que poderíamos chamar de redes de "solidariedade online" pela ajuda e fornecimento de informações dispensadas às pessoas. Além disto, verificou-se também como a internet é importante ao criar um sentimento de integração ou identificação, servindo como ponte entre o indivíduo e o grupo – neste caso, a existência do BDSM como um universo que contém práticas variadas parece ter na internet um de seus principais suportes a mantê-lo como uma *unidade*, compreendida, aqui, como oposição à uniformidade, isto é, no sentido de constituir um conjunto complexo e diverso (LEVY, 2002: 199) – embora a própria internet revele e reforce as diferenças internas, tornando-se palco de disputas simbólicas, o que só acaba por sublinhar sua importância. Ela só perde sua

[19] De algum modo pode-se associar esta problemática a alguns traços presentes no estudo de Erving Goffman sobre o *estigma* (1988), mas não vamos enveredar por tal discussão por fugir de nosso tema.

centralidade – e força – quando não se mostra capaz de mudar a percepção de pessoas fora do BDSM sobre seus praticantes. Para estes, a despeito das informações e do espaço propício a uma comunicação dialógica, a internet não consegue transformar determinadas ideias pré-concebidas[20]. Poderíamos dizer, à guisa de conclusão, que a internet possui considerável "influência interna" no BDSM, no sentido de seus usos e funções; mas pouco "influência externa", no sentido de provocar mudanças mais amplas na percepção de outras pessoas, sendo pouco eficaz em agir sobre determinadas ideias pré-concebidas. As potencialidades da internet parecem bem exploradas e manipuladas pelos BDSMistas, cabendo a eles (mas não só), *caso desejem*, utilizá-las de modo mais incisivo de modo a influir satisfatoriamente na transformação de determinados pré-julgamentos. Se for correto que "*A possibilidade da intimidade significa a promessa da democracia*" (GIDDENS, 1993: 205 [grifo meu]), isto é algo ao qual não se pode virar as costas.

Para terminarmos, indagamos se seria possível falar em uma "comunidade virtual BDSM". Para isto, precisamos atentar para a noção de comunidade como designando "redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social" (WELLMAN *apud* CASTELLS, op. cit: 106), onde estas redes são criadas e desenvolvidas pelas escolhas dos atores sociais que elas integram. A definição de comunidade virtual por Pierre Levy (1999) vai ao encontro destas considerações e as expande: "Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isto independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais" (p. 127). Como foi mencionado algumas vezes, o BDSM não é uniforme nem homogêneo, ele é uma unidade plural, diversificada. Assim, suas várias partes parecem compor, elas mesmas, diversas comunidades virtuais, o que nos conduz a noção de *cibercultura*:

> A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos aberto de colaboração. (Idem: 130).

Talvez pudéssemos falar, então, em uma *cibercultura* BDSM a qual perpassa e orienta todas as "comunidades" a comporem o universo BDSM. Abrem-se, com isto, para retomarmos o que foi

[20] É preciso problematizar esta questão, mas não o podemos fazer aqui, ao que deixaremos somente essas indicações: como foi mencionado por alguns entrevistados, existem, na internet, tanto sites como pessoas "não confiáveis", o que sem dúvida prejudica qualquer tentativa efetiva de mudança. Além disto, a maneira como algumas pessoas se apropriam daquilo do que fazem parte (o que não se restringe ao BDSM, sendo um comportamento humano geral), de modo a "sacralizá-lo" e a rechaçarem ou ridicularizarem os que vêm de fora (os "não-iniciados") contribui largamente para o reforço e manutenção daquelas ideias pré-concebidas. Não observamos estas situações, certamente por este ser um primeiro contato, mas a julgar por algumas das respostas dos entrevistados não é uma impossibilidade.

colocado logo acima, duas escolhas diretamente relacionados com as possibilidades da internet: o BDSM pode fazer parte de uma *sociedade policulural* (BAUMAN, 2000), que se refere a "uma sociedade tolerante com as diferenças culturais, com o livre fluxo de propostas culturais e a liberdade de opções culturais; uma sociedade preparada para negociar continuamente a fronteira móvel entre diferenças aceitáveis de estilos de vida (...)", ou uma sociedade pautada pelo *multicomunitarismo*, que "elimina *a priori* a possibilidade de comunicação e intercâmbio culturais de modo mutuamente sensível e benéfico. Ele eleva a 'pureza cultural' do grupo ao nível de valor supremo e encara toda manifestação da capacidade de absorção cultural como poluidora" (p. 200-201). A internet pode ser utilizada para ambos os fins – criação de espaços para troca de informações e diálogo ou de ambientes cerrados, *for members only* – seja por parte das pessoas "de dentro" do grupo com o "de fora". E por ser parte da sociedade, a escolha tanto de um ou de outro deve refletir no mundo offline e vice-versa – somos todos nós que escolhemos o caminho a ser tomado, onde a internet é um instrumento de maior integração ou segregação.

Referências Bibliográficas

ALDANA, Celia. Can media regulation help in the search for social equality? In: **Media Development**, 2004.

BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Individualization: institucionalized Individualism and its social and political consequences**. London: SAGE Publications, 2001.

BRITTES, Rogério. Liberdade, igualdade, sofrimento e dor: diálogos entre Sade e o Sadismo contemporâneo. In: **26ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Porto Seguro, Bahia.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DALLACORT, Bruno Zilli. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria**. 2007. 95f. Dissertação (Mestrado em Medicina Social). Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

DELARBRE, Raúl Trejo. Internet como expressão e expansão do espaço público. **MATRIZes,** ano 2, nº 2, 2009.

DIZARD JR, Wilson. **A nova mídia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 2ª Edição.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993. 2ª Edição.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. 4ª Edição.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000. 2ª Edição.

LEVY, Pierre. **Ciberdemocracia.** Lisboa: Piaget, 2002.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na web 2.0. In: ANTOUN, Henrique (org.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (org). **Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. La teoría de la esfera publica. **Voyces y cuturas**, nº 10, 1996.

WELLMAN, Barry. The glocal village. **Idea&s**, vol. 1, nº 1. Toronto: University of Toronto, 2004.

WOLFF, Kurt H. (org). **The Sociology of Georg Simmel**. New York; London: The Free Press, 1964.

ANEXO I

Breve digressão sobre o uso da internet nas relações sociais através da ideia de 'cena'

"Pra mim não existe SM virtual..." – esta frase foi-nos dita por Ujio Shinmen ao longo de uma conversa por MSN quando o questionei se o seu envolvimento com a prática do sado-masoquismo (SM) havia, de algum modo, sido influenciada pela internet, indicando, assim, a impossibilidade de uma interação que não fosse face a face e dentro de um mesmo tempo e espaço. Como uma *prática* a envolver a participação de mais de um indivíduo, ela necessita da mediação do lugar na qual ocorre, onde se estabelece uma situação de co-presença entre os atores envolvidos cujas percepções relativas às diversas manifestações de um e do outro os possibilitam a agir de modo reflexivo visando influenciar o fluxo da interação na cena. O termo "cena" é aqui utilizado propositalmente em vista dos sentidos que encerra no contexto particular do presente estudo: como foi colocado, *cena* significa o momento ao longo do qual ocorre a interação dos indivíduos envolvidos; para os praticantes do BDSM, *cena* indica a participação dos envolvidos em uma determinada atividade a qual pode envolver diversos tipos de práticas de cunho erótico que servem de estímulo para os participantes na busca por prazer (não envolvendo, necessariamente, sexo) – uma cena de sado-masoquismo, por exemplo, envolve um indivíduo que assume um "papel" dominador, do sádico, e outro que assume um de submisso, o masoquista. Neste sentido, são quase "personagens" engajados em uma interpretação, não significando, assim, que fora de tal cena, na "vida real", eles se comportem de maneira semelhante (o sádico buscando causar algum tipo de dor nas pessoas ao seu redor ou o masoquista desejando que lhe machuquem). Ao fim e ao cabo a ideia da "cena" é semelhante em ambos os casos, situando-se a diferença, claro, na especificidade dos contextos – afinal, o comportamento individual das pessoas envolvidas em uma interação de co-presença não precisa ser sempre o mesmo (algumas situações requerem um comportamento que lhes seja equivalente), havendo uma pequena distinção no fato de que a cena de sado-masoquismo pode ser interrompida e retomada com a mudança de "comportamento" sendo feita instantaneamente, algo mais complicado em uma situação do "cotidiano", que pode vir a causar algum tipo de mal-estar entre os envolvidos.

O que se destaca desta brevíssima discussão é o fato de que, independente do tipo de interação, ela é, necessariamente, presencial; não importa se uma cena de sado-masoquismo, por exemplo, possa ser considerada como uma simples representação – o que certamente não o é em vista do envolvimento dos atores e das funções que ela exerce na vida dos envolvidos que se empenham em uma prática dotada de reflexividade como tantas outras na vida social –, pois o

que deve ser sublinhado é a necessidade da co-presença no mesmo contexto espaço-temporal. Desta maneira, o comentário feito por Ujio estabelece uma distinção muito clara entre o virtual e o não-virtual, onde o primeiro consiste na ausência deste tipo de interação presencial e, consequentemente, na impossibilidade da prática. No entanto, esta questão ganha contornos mais complexos e tal divisão torna-se bastante fluida quando ficamos diante da existência de um "BDSM virtual", o que se traduz, sobretudo, em uma prática em particular, denominada de Dominação Virtual, a qual consiste em uma narração mediada pela internet através da qual os participantes interagem em uma cena, onde uma série de ordens ou castigos são dados a distância e o autoflagelo (imposto por aquele que domina; executado pelo submisso) torna-se a maneira de estabelecer algum tipo de contato físico para além da dimensão "psicológica" de tal prática. Aqui há também uma cena a qual envolve uma interação entre atores reflexivos, diferenciando-se pelo fato de que ela não é face a face e de que o contexto no qual ocorre altera-se em seu sentido espacial, visto que há um desencaixe dos indivíduos do espaço de co-presença. É, assim, uma interação mediada (THOMPSON, 1998: 78) a qual implica a necessidade de um meio técnico (no caso da internet, precisa-se de um computador capaz de conectar-se à rede). Se a cena desenvolve-se por meio puramente textual, há, sem dúvida, uma perda da percepção dos envolvidos no que diz respeito às manifestações físicas (expressões faciais, sons, movimentos, etc.) do outro, sendo necessária uma dose de confiança em relação ao comprometimento dos agentes; o uso de uma *webcam* aumenta a percepção, embora os participantes ainda estejam privados do contato físico (pode-se interpretar que a autoflagelação busca "contornar" isto). Seja qual for a situação, um objetivo é alcançado, que é a busca do prazer – nas palavras de outro entrevistado (Sub BH): "tem gente que sente prazer em dominar ou ser dominado pela net", mas ele declarou não gostar desta prática. A ideia de cena, assim, é ampliada, havendo a substituição do espaço pelo meio técnico capaz de possibilitar a interação.

Tudo isto indica transformações relevantes nas formas de sociabilidades e, inclusive, na nossa própria maneira de perceber o mundo que nos rodeia, pois o que se pode observar, por um lado, e isso é mais claro, é a não obrigatoriedade do mesmo contexto espacial para as interações entre os atores sociais que envolvem alguma prática, no sentido de *agir*; por outro, o que nos interessa mais, a virtualidade não significa nem "irrealidade" nem corresponde a algo "imaginário", mas liga-se, sim, ao próprio real, cuja diferença reside no fato dela não significar presença física. Em outras palavras, a interação virtual que ocorre no espaço da internet não está dissociada das relações sociais "concretas", consistindo ela em um prolongamento destas que são levadas a ocorrer de formas distintas e carregadas de novas possibilidades. Manifestações e práticas podem ser transpostas para o ambiente online e aí realizarem-se – a forma de apropriação

da internet por seus usuários irá determinar a extensão de seus usos em relação àquilo que buscam. Para Ujio – e certamente para outros – a prática do sado-masoquismo não parece ter espaço na internet em vista, com certeza, de sua natureza (a necessidade do contato físico, o qual só pode ocorrer dentro de um mesmo contexto espaço-temporal). Não iremos desenvolver mais esta linha de raciocínio porque nos levaria a discussões muito distantes daquelas que pretendemos empreender – pois correríamos o risco de transformar este problema em algo semelhante aquele famoso *koan* budista que indaga se uma árvore cair na floresta e não houver ninguém lá, se ela fará algum som. Desta forma, devemos reter, aqui, os indícios referentes à relevância da internet – e de suas capacidades – para a estruturação das formas de sociabilidade e o papel que desempenha no agir individual, sem deixar de lado o fato de que ela fornece uma variedade de elementos a serem reflexivamente incorporados pelas pessoas de modo a organizar as redes sociais nas quais se inscrevem e a tomar parte da construção do próprio *self*. De algum modo a internet faz parte da vida dos indivíduos, e até mesmo a sua negação, isto é, a imposição de um limite sobre o que ela *não* é capaz já demonstra sua presença e influência – é isto o que nos interessa.